

Schizolobium parahyba var. *parahyba* (Vell.) Blake

(bacuru, bandarria, faveira, guapuruvu, pau de canoa)

Família: Fabaceae

Sinônimos: *Schizolobium excelsum*

Endêmica: não⁶

Bioma/Fitofisionomia: Mata Atlântica⁶

Recomendação de uso: Silvicultura

O guapuruvu é recomendado para restauração de mata ciliar em locais não sujeitos a inundação. Apresenta um notável uso paisagístico por suas flores vivamente amarelas e melíferas. Como vantagem, possui raízes profundas que em solos permeáveis causam poucos danos a muros e calçamentos. Sua única restrição são os ramos quebradiços que limitam o seu plantio para as áreas de menor circulação em praças, parques e jardins. Apresenta alinhamento cilíndrico do tronco, superfície lisa e, geralmente, elevado fuste. Sua madeira é utilizada na construção civil e naval, entre outros fins.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (artigos esportivos, brinquedos, caixotaria, lápis, palitos de fósforo, pranchetas, solados de sapato, tamancos, celulose e papel, assoalhos, portões e portas, construção naval, chapas e compensados), produtos não madeireiros (alimentação animal (forragem), apícola, medicinal)^{1,5,3}

Características gerais

Porte: altura 10.0-40.0m DAP 60-80cm^{1,3,5,4,2,8}

Cor da floração: amarela^{5,2,1}

Pétalas vivamente amarelas.

Velocidade de desenvolvimento: Rápida^{1,8,4,2}

Quando em condições adequadas o guapuruvú é uma das espécies de mais rápido crescimento na região Sul e Sudeste. Estima-se uma rotação a partir de 5 anos para industrialização de pasta para papel (CARVALHO, 2003).

Persistência foliar: Semidecídua, Decídua^{4,3,5,2,1}

Sistema radicular: -

Formato da copa: Umbeliforme^{3,1,2,4,5}

Diâmetro da copa: 8m²

Alinhamento do tronco: Reto¹

Superfície do tronco: Lisa¹

Tipo de fruto: Seco deiscente (Legume)^{1,4,5,2,3}

Cuidados

Poda de condução e de galhos: não¹

Pragas e doenças: A broca da madeira, *Acanthoderes jaspidea* (Coleóptera: Cerambycidae), tem sua maior atividade restringida, principalmente, às árvores de crescimento rápido e à frequência de ataque é maior nos primeiros 4 anos de vida das árvores. A incidência é maior entre o verão e início do outono (CARVALHO, 2003). Outras pragas são *imperialis magnífica* (Lepdoptera: Adelocephalidae) e *Tiquara* sp., que alimentam-se dos tecidos do caule da planta (PIVETTA; SILVA FILHO, 2002)^{2,1}

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: Áreas bem drenadas^{8,1}

O guapuruvu cresce melhor em solos profundos e úmidos, bem drenados e com textura que varia de franca a argilosa. Solos rasos, de baixa fertilidade ou demasiadamente secos são inadequados para essa espécie (CARVALHO, 2003). É seletiva higrófito e bastante frequente nas planícies aluviais ao longo de rios (LORENZI, 1998).

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Pioneira, Secundária inicial^{3,1}

Polinizadores: Abelhas de diferentes espécies.^{10,3,5,7}

Período de floração: julho a dezembro^{1,5,2,7,3}

De julho a novembro no Estado de São Paulo (CARVALHO, 2003). Setembro a novembro (MORELLATO, 1991). Julho a dezembro (BACKES; IRGANG, 2004). Setembro a dezembro (SILVA JUNIOR; LIMA, 2010). Novembro (PIVETTA; SILVA FILHO, 2002).

Tipo de dispersão: Anemocórica, Autocórica, Barocórica^{1,9,10,5}

Agentes dispersores: -

Período de frutificação: abril a outubro^{7,1}

A frutificação ocorre entre os meses de junho e agosto (MORELLATO, 1991). Segundo Carvalho (2003), a frutificação compreende o período de abril a outubro no Estado de São Paulo, sendo que a floração e a frutificação iniciam-se entre 6 a 8 anos de idade em plantios.

Associação simbiótica com raízes: -¹

Não apresentam fungos micorrízicos arbusculares.

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore ou no solo^{4,1}

Recomenda-se colher os frutos secos na árvore, antes da sua abertura, ou recolher no chão após a queda. As sementes devem ser retiradas manualmente.

Tipo de semente: Ortodoxa¹¹

Tratamento para germinação: Tratamento térmico, Tratamento químico, Imersão em água, Escarificação mecânica, Tratamentos combinados^{4,1}

Escarificação mecânica, utilizando-se uma lixa, no lado oposto ao hilo. Outro método é a Imersão em água fervente por 2 minutos, após isso, retira-se as sementes, e assim que a água esfriar é preciso recolocar as sementes na mesma água de 12 a 72 horas (MATOS; QUEIROZ, 2009). Outro método é a escarificação em ácido sulfúrico concentrado por 5 minutos (CARVALHO, 2003).

Produção de mudas: Recipientes individuais^{4,3,1}

Recomenda-se semear em sacos de polietileno, de 20 cm de altura e 7 cm de diâmetro ou em tubetes de polipropileno grande (CARVALHO, 2003), enterrando-se as sementes a 2 cm de profundidade (MATOS; QUEIROZ, 2009) O tempo de viveiro é, em média, 3 a 4 meses. Essa espécie brota após o corte, não só da base como em qualquer altura do tronco, principalmente quando afetada por geada. (CARVALHO, 2003).

Tempo de germinação: 5 a 35 dias^{3,1,4,8}

Taxa de germinação: 80 a 85%^{8,4,5,1}

Número de sementes por peso: 500/kg^{5,8}

Exigência em luminosidade: Exigente em luz^{1,9,8}

Essencialmente heliófila (CARVALHO 2003; LORENZI, 1998); não tolerante a sombra (BORGIO, 2010).

Dados madeireiros

Possui curva de incremento médio anual (IMA): -

Possui curva de incremento corrente anual (ICA): -

Bibliografia

¹ CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. 1. ed. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003. v. 1, 1039 p.

² PIVETTA, K. F. L.; SILVA FILHO, D. F. da. Arborização urbana. Jaboticabal: UNESP/FCAV/FUNEP, 2002. 69 p. (Boletim Acadêmico, Série Arborização Urbana). Disponível em: . Acesso em: 2 fev. 2013.

³ BACKES, P.; IRGANG, B. Mata Atlântica: as árvores e a paisagem. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2004. 396p.

⁴ MATOS, E.; QUEIROZ, L. P. de. Árvores para cidades. Salvador: Ministério Público do Estado da Bahia: Solisluna, 2009. 340 p.

⁵ SILVA JÚNIOR, M. C. da; LIMA, R. M. C. 100 Árvores Urbanas – Brasília: guia de campo. Brasília: Editora Rede de Sementes do Cerrado, 2010. 280 p.

⁶ LEWIS, G. P. Schizolobium. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 22 jul. 2013.

⁷ MORELLATO, L. P. C. Estudo da fenologia de árvores, arbustos e lianas de uma floresta semidecídua no sudeste do Brasil. 1991. 176 f. Tese (Doutorado em Biologia) - Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1991.

⁸ LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. Nova Odessa: Editora Plantarum, 1998. v.1, 360 p.

⁹ BORGIO, M. A Floresta Atlântica do litoral norte do Paraná, Brasil: aspectos florísticos, estruturais e estoque de biomassa ao longo do processo sucessional. 2010. 165 f. Tese (Doutorado em Ciências Florestais) - Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2010.

¹⁰ YAMAMOTO, L. F.; KINOSHITA, L. S.; MARTINS, F. R. Síndromes de polinização e de dispersão em fragmentos da floresta estacional semidecídua montana, SP, Brasil. Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 21, n. 3, p. 553-573, 2007.

¹¹ WIELEWICKI, A. P.; LEONHARDT, C.; SCHLINDWEIN, G.; MEDEIROS, A. C. de S. Proposta de padrões de germinação e teor de água para sementes de algumas espécies florestais presentes na Região Sul do Brasil. Revista Brasileira de Sementes, Pelotas, v. 28, n. 3, p. 191-197, 2006.